



Recebido em: 23/10/2016

Aceito em: 14/04/2016

DAVID, A. Rosalie. "Osiris the People's God The First Intermediate Period and the Middle Kingdom". In: DAVID, A. Rosalie. **Religion and Magic in Ancient Egypt**. Grã-Bretanha: Penguin Books Ltd, 2002. p. 187-237.

Aline Afonso Silva da Rocha

Universidade Estácio de Sá

Grupo de Estudos Kemet

<http://lattes.cnpq.br/0063131082963200>

"Religião e Magia no Antigo Egito" é um livro escrito por Ann Rosalie David cujo título original é *Religion and Magic in Ancient Egypt*, publicado no Brasil em 2011, pela editora Bertrand Brasil, traduzido por Angela Machado.

Bacharel em História Antiga e Egptologia pela *University College London* e doutora pela *University of Liverpool*, Rosalie David, alcançou notoriedade mundial por utilizar técnicas não destrutivas em suas pesquisas com múmias. É diretora do *Centre for Biological and Forensic Studies in Egyptology* da *University of Manchester*. E ainda, foi a primeira mulher a ministrar aulas sobre egptologia na Grã-Bretanha, tendo escrito mais de vinte livros sobre o tema desde o ano de 1984.

Será analisado capítulo 4 do livro, "Osiris, o Deus do Povo", no qual a autora retrata a ascensão do Deus no Primeiro Período Intermediário e como o surgimento do Tribunal osíriaco ensejou a democratização da religião no Egito Antigo.

O capítulo inicia-se com a formação histórica do Primeiro Período Intemediário, apresentando os seus estágios. Para a autora o primeiro estágio se constituiu pela desintegração do país com o fim do governo centralizado, enquanto que o segundo se deu pelo colapso da monarquia em Mênfis que sofreu exacerbação pelo ataque dos beduínos.

No terceiro estágio, a área geográfica situada no Médio Egito, entre Mênfis e Tebas, foi controlada pelos governadores de Heracleópolis, cidade que se tornou a nova capital. Neste período os Mentuhotep tentam tomar o poder, entrando em conflito com os heracleopolitanos.

Por fim, a autora é silente quanto ao quarto estágio, e apresenta o quinto no qual os Mentuhotep tomam o controle geral do país, instaurando a XI Dinastia após vencerem os hieracompolitanos, transferindo a capital para Tebas.

David esclarece que como resposta as condições problemáticas do Primeiro Período Intermediário surgiu a literatura pessimista na qual é questionada a ordem social e religiosa existente, demonstrando uma atitude bem menos confiante perante a morte e a ressurreição, chegando-se a duvidar da validade de uma crença de vida pós a morte.

Questiona se essa literatura descreve eventos históricos ou se apenas refletem a angústia nacional. Embora não tenha procurado responder ao questionamento, a autora assevera que os eventos possivelmente foram escritos no reinado de Amenemhet I ou logo depois, sob a afirmação de que a harmonia só poderia ser restabelecida com a centralização do poder e com um rei poderoso.

Outrossim, aduz o ceticismo encontrado em outra literatura pessimista que foram os hinos, como o “Canto de Intef”, introduzidos aos Cantos dos Banquetes, uma vez que, contrastando com a visão tradicional, havia um encorajamento a aproveitar a existência terrena, pois os vivos não tinham a capacidade de saber da existência de vida pós-morte, tornando fúteis os preparativos funerários.

David afirma que não há consenso quanto ao período em que estes hinos foram compostos, pois alguns estudiosos alegam que foram feitos durante o Médio Império, visão sustentada pela autora, enquanto que outros sustentam a possibilidade de datarem período diverso, tendo em vista que atitudes pessimistas existiram em todos os tempos.

No Novo Império, o Canto de Intef continuou a ser cantado, porém outros foram compostos para minorar seus efeitos na tentativa de reafirmar as crenças tradicionais.

A literatura pessimista apresenta um esclarecimento único a revolta nacional, dúvidas e medos pessoais em um período de declínio nas artes e profissões, o que para a autora demonstra uma maturidade sem precedentes de expressão.

Até o Primeiro Período Intermediário, acreditava-se que os deuses eram os responsáveis pelos acontecimentos políticos. Assim, com o colapso do Antigo

Império, os reis menfitas e seu deus Rá não eram mais vistos como protetores críveis de seu povo, pelo que foram promovidos novos cultos divinos.

O deus Osíris, não só pela sua associação aos rituais divinos pela ascensão e coroação do rei, tornou-se a deidade mais significativa do Médio Império, haja vista que ofereceria a imortalidade às pessoas não reais.

Desta forma, na XI e XII dinastias houve uma democratização das crenças religiosas, pois até as classes médias faziam preparativos generosos para a morte, incluindo a provisão de tumbas refinadas e bens funerários.

No entanto, o culto de Osíris prometia a eternidade até para os mais humildes, mesmo os que não tinham recursos para enterros elaborados, tendo como requisitos possuir uma vida virtuosa, a correta execução dos ritos funerários e adorar a deidade.

A autora afirma que o mito da vida, morte e renascimento de Osíris encontrado nos relatos de Plutarco, *De Inside et Osiride*, podem refletir eventos históricos verdadeiros ocorridos no período Pré-Dinástico ou na II Dinastia.

Como não há outro relato deste mito nos textos egípcios que fazem menção ao deus, autora apresenta a hipótese de que este tenha sido escrito a partir de uma tradição oral.

Os textos das pirâmides e as inscrições encontradas nos templos do período do Novo Império e no período Greco-Romano são as principais fontes que se referem a Osíris, relatando os festivais anuais do templo para o deus.

De acordo com o mito, Osíris é descrito como um rei humano que introduziu a agricultura e civilização no Egito, tendo sido morto e desmembrado por seu irmão Seth. Sua esposa e irmã Isis, reuniu os membros do deus e concebeu uma criança, Hórus.

Hórus, já adulto, lutou com Seth, tendo a disputa sido levada a julgamento divino no qual Hórus e Osíris saíram favorecidos. Assim, Osíris foi considerado o rei e juiz dos mortos, enquanto que Hórus tornou-se o regente dos vivos.

Inicialmente foi associado ao rejuvenescimento e à fertilidade, pois se acreditava que a vida, a morte e o renascimento de Osíris coincidiam com o ciclo anual das estações, considerando-o um deus da vegetação.

Desta forma, o Festival Anual de Khoiak celebrava a inundação do Nilo e a renovação da vegetação, confirmava a ascensão do rei vivo como encarnação de Hórus e a ressurreição triunfal do rei morto como Osíris, esperando que os ritos bem sucedidos trouxessem uma inundação bem sucedida, o crescimento da vegetação e uma boa colheita.

Através de suas experiências mitológicas, acreditava-se que Osíris podia oferecer a imortalidade, difundindo a ideia de “Dia do Julgamento”, de forma que seus seguidores se empenharam em viver de forma irrepreensível para poderem se reunir ao seu ba (alma) e entrar no reino dessa deidade.

Esta se tornou a crença mais significativa do Médio Império, já que para o indivíduo entrar no reino de Osíris, não bastavam os procedimentos corretos de sepultamento, tendo em vista que o ajuste moral e a adoração ao deus eram mais importantes do que a riqueza, pelo que o Texto dos Sarcófagos e o Livro dos Mortos se tornaram elementos vitais na busca pelo bom comportamento.

Osíris também foi considerado o deus do milho e o deus-lua, mas a sua união com o deus sol Rá foi a mais importante, uma vez que era tido como o sol noturno que despertava o submundo do sono da morte para ser vencido por Rá ao nascer do sol, fazendo com que os ciclos do dia e da noite fossem lembretes do triunfo da vida sobre a morte e do bem sobre o mal.

A autora afirma que não há consenso entre o mito osíriaco e a realidade histórica, existindo uma teoria que, baseada na desacreditada teoria da raça dinástica, relaciona Osíris a um regente histórico da época pré-dinástica que teria conduzido tribos de outras áreas para o delta, apresentando a civilização aos egípcios.

De acordo com estas teorias das quais a autora não se filia, o mito de Osíris seria um resultado entre os imigrantes (adoradores de Osíris e Hórus) e a população nativa (adoradores de Seth). A autora entende que o conflito mítico rememora o choque de grupos religiosos rivais no período Dinástico Inicial com a vitória dos adoradores de Hórus.

As crenças de Rá e as de Osíris tinham muitas semelhanças, porém enquanto Rá era deidade suprema no Antigo Império, Osíris não rivalizava com outros deuses vivos, o que contribuiu para o desenvolvimento de sua ampla popularidade.

David termina o capítulo retratando a arte das tumbas e o equipamento funerário. Afirma que a variedade e quantidade de bens funerários foram expandidas com a democratização religiosa. As diferenças regionais dos sarcófagos foram diminuindo ao longo do Médio Império, tendo sido introduzido um novo tipo de estatuária.

O livro de Rosalie David constitui uma importante contribuição para aqueles que se interessam pela religião do Egito Antigo. Em especial, o capítulo 4 permite ao leitor perceber a importância do surgimento do mito de Osíris como um meio de democratização religiosa, bem como, a mudança nas crenças tradicionais e no

comportamento social com o surgimento do “Dia do Julgamento”. E ainda, a autora relaciona bem o desequilíbrio político e social do Primeiro Período Intermediário com as dúvidas nas crenças tradicionais de pós-vida refletidas na literatura pessimista.